

# NEWSWARE: PROPOSTA PEDAGÓGICA DE EDUCAÇÃO PARA A MÍDIA<sup>1</sup>

Ser  
v.ç  
iões

A necessidade de uma educação para a mídia é tese tão óbvia que a demonstração constringe<sup>2</sup>. Por mais que os críticos dos meios assemelhem a televisão às *ventosas do capitalismo asfixiante*, ao *subproduto da robotização da indústria cultural*, ou ainda à *viga mestra da superestrutura da dominação simbólica*, as pesquisas indicam que o jovem passa mais tempo diante da telinha do que em qualquer outra atividade<sup>3</sup>.

Assim, se a escola não ensina a assistir à televisão ou a ler jornal e revista, para que mundo está educando? Ou a escola passa a considerar a mídia em seus projetos pedagógicos ou intensificará seu processo de fossilização, para muitos já irreversível. Afinal, a criança na escola educa-se para a arte, para a estética, para a literatura, o que é importante. No entanto, não aprende a receber informação veiculada pelos meios de comunicação tradicionais.

A educação para os meios não se confunde com o uso puro e simples dos meios em sala de aula. O uso da mídia na escola deve ser metodológico e não representar uma forma *moderna* de transmissão de conteúdo. Não se trata de educar pelos meios e sim para os meios. Se a proposta pedagógica visa ao

desenvolvimento de um espírito crítico, é inútil transformar o aluno num deglutidor hipocôndrico de pílulas informativas. Até porque o produto informação jornalística, espécie de *fast food* do pensamento, não se presta, sobretudo quando veiculado pela televisão, à reflexão mais profunda sobre seu conteúdo.

Na televisão, a seqüência de imagens sufoca a análise. A construção mental é vítima do choque. A construção ininterrupta estrutura uma expectativa de surpresa permanente. A mobilidade incessante transforma o olho em órgão de compreensão, supervaloriza a hipótese visual, dispensando a demonstração. Ao reduzir os intervalos de tempo, a televisão impede o pensamento. Percepção quase imediata das coisas que vêm animar a tela sem se perturbar com a dúvida ou com a razão, oferecendo figuras cristalinas, transmitindo através delas mesmas a quinta essência de uma objetividade inigualável, permitindo uma

## O AUTOR

**Clóvis de Barros Filho**

Professor de Metodologia e Ética do Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo.

1. Texto base da palestra proferida no Congresso Internacional de Educação em 21/01/2000. *Newsware* pode ser traduzido como bens da notícia ou o produto ou notícia ou, ainda, a mercadoria notícia. (N.Ed.)

2. A doutrina é abundante sobre o tema, sobretudo a espanhola e norte-americana. No Brasil, a produção acadêmica na área começa a se destacar. A revista *Comunicação & Educação* da ECA/USP é a mais conceituada. O curso de mestrado da Universidade Anhembi-Morumbi também apresenta interessantes pesquisas sobre esta interface, publicadas na revista *Nexus*.

3. Os produtos da mídia ainda são vistos pelos críticos como resultado de uma lógica sistêmica que se traduz por uma produção em série, com objetivos de alienação e lucro. "A unidade do sistema é anunciada a partir de uma análise da lógica da indústria, na qual se distingue um duplo dispositivo: a introdução na cultura da produção em série sacrificando aquilo pelo qual a lógica da obra se distinguiu da do sistema social, e a imbricação entre produção de coisas e produção de necessidades de modo tal que a força da indústria cultural reside na unidade com a necessidade produzida". Em MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997. p. 65.

paixão pura, logo irreal,(...) transportando-o para um universo puramente ficcional: a ordem visual<sup>4</sup>. Esse tipo de mensagem, a longo prazo, acaba gerando um novo tipo de receptor, acostumado a perceber sensorialmente a mensagem e atribuir-lhe sentido em função do movimento da imagem.

Apesar do espaço que os meios de comunicação ocupam na experiência sensorial de qualquer aluno, a mídia ainda não está integrada na grade curricular das escolas. Pesquisas revelam que um número expressivo de docentes dos ensinos fundamental e médio consideram o conteúdo da mídia de entretenimento nefasto para os alunos e atribuem importância à informação jornalística como instrumento de conhecimento dos fatos<sup>5</sup>.

---

**Esse resultado revela uma preocupação exclusiva com o produto dos meios (notícia e ficção explícitas) e seu conteúdo. Indica também que o domínio do processo de produção desses produtos por parte dos alunos, condição primeira para uma reflexão crítica do trabalho da mídia e de seus efeitos sociais, nem sequer é cogitado como objeto constitutivo da grade curricular.**

---

A dificuldade reside em integrar ao currículo um objeto de estudo que, como os meios de comunicação, rivaliza com a escola pelo monopólio da produção legítima de sentido. Reside também no fato de que o currículo escolar

não se resume num acervo de conteúdos de saber, mas dá fundamento a um conjunto de esquemas sociais ligados à organização da sociedade e às suas necessidades (Durkheim), que determina a organização legítima do tempo e do espaço, permitindo a “racionalidade econômica e a racionalidade política”<sup>6</sup> e a “certeza do controle do coletivo”<sup>7</sup>, definindo a representação socialmente dominante de inteligência e de divisão do trabalho. Essas prerrogativas dependem da legitimidade da instituição escolar, isto é, da indiscutibilidade da competência social que lhe é conferida para assegurar um determinado tipo de aprendizado social<sup>8</sup>.

A perda progressiva dessa legitimidade institucional ensejou dúvidas sobre os conteúdos escolares e sobre o monopólio escolar de sua elaboração. Essa erosão do reconhecimento social ao monopólio escolar se traduziu, na sala de aula, por reações do aluno a condutas docentes, conteúdos e atividades consideradas impertinentes. Assim, a falta de atenção, como manifestação individual de desacordo tácito por parte do estudante, se manifesta na ineficácia do comportamento do aluno próprio ao processo pedagógico. Ela tem sua origem na incompatibilidade, cada vez mais acentuada, dos conteúdos curriculares com os referenciais disponibilizáveis pelos alunos. Afinal, qualquer reconstrução e produção do próprio conhecimento exige, por parte do aluno, interesse pela mensagem<sup>9</sup>. Se em algum momento da história da instituição escolar, o que era ensinado em sala de aula, por sê-lo, justificava seu aprendizado, hoje o aluno recebe, avalia e julga a mensagem pedagógica por inter-

4. GAUTHIER, A. *L'impact de l'image*. (O impacto da imagem) Paris: L'Harmattan, 1993. p. 31.

5. Durante o ano de 1997 foram entrevistados pelo CEEC (Centro de Estudos de Ética na Comunicação) 412 professores dos ensinos fundamental e médio sobre a dimensão pedagógica da mídia.

6. VERRERET, M. *Le temps des études*. (O tempo dos estudos.) Paris: H.Campion, 1975.

7. VINCENT, G. *L'école primaire française*. (A escola primária francesa.) Lyon: PUL, 1980.

8. Sobre a interiorização da “ordem das coisas” através da organização curricular, ler GRIGNON CL. *L'ordre des choses*. (A ordem das coisas.) Paris: Minuit, 1971.

9. Sobre a influência do interesse pela mensagem na discussão sobre sua pertinência curricular ler RECHT, D. R., LESLIE, L. *Effect of prior knowledge on good and poor readers – memory of text*. (Efeitos do conhecimento anterior sobre bons e maus leitores – memória do texto.). *Journal of Educational Psychology*. (Jornal de Psicologia Educacional.), n. 80, 1988.

médio de referenciais interiorizados alhures<sup>10</sup>.

Além desses referenciais, o conhecimento anterior, construído em educação formal ou não, revela-se como variável essencial desse julgamento, bem como da compreensão da mensagem. Assim, “a relação das informações novas com as informações antigas é acompanhada de operações de tratamento, tais como a seleção, a categorização, a transformação, ordenamento das informações, operações tanto mais custosas quanto mais pobre for a base cognitiva”<sup>11</sup>. Dessa forma, a identificação dos referenciais cognitivos, avaliativos e afetivos comuns aos alunos em determinado universo social e escolar é exigência primeira da atividade docente. Nesse momento, a mídia aparece como objeto de estudo privilegiado. Não como fonte de conteúdo, mas como instância de produção de sentido e, como tal, objeto de uma reflexão crítica permanente.

---

**A produção da mídia é apressada para um consumo apressado. Pobre em todos os aspectos, o produto informativo não deve servir de complemento aos já discutíveis livros didáticos. O estudo dos meios com fins pedagógicos deve permitir ao aluno um consumo consciente de seus produtos fora da escola.**

---

Dessa forma, a discussão em sala de aula deve ser mais sobre o meio, sobre os procedimentos de produção e recepção da mensagem, do que sobre o conteúdo da informação.

Não é incomum (conforme revelou a pesquisa citada) professores dos ensinos fundamental e médio recomendarem aos alunos a leitura de jornais para que conheçam a realidade, saibam o que *está rolando lá fora*. Dessa forma, a legitimidade institucional da escola reforça esse equívoco do senso comum. O estudo acadêmico da mídia não pode se confundir com o seu consumo ordinário. É preciso que o aluno seja esclarecido que um jornal é fruto de um conjunto de escolhas arbitrárias. Que o texto informativo, como qualquer enunciado, é um processo subjetivo de individualização da linguagem enquanto código de significação. Que um jornalista, quando redige uma matéria, materializa um processo de escolhas, de eliminações, que acabam constituindo uma mensagem entre uma infinidade de possibilidades preteridas. Que o jornal, enfim, é apenas um mundo possível entre outros, jogados no lixo das reuniões de pauta<sup>12</sup>.

Assim, por mais manipulador e reducionista que seja o produto da mídia, as reações de crítica, até agora desconexas, devem ser substituídas por uma proposta pedagógica de conscientização para os meios: sobre seus efeitos nefastos potenciais e sobre os mecanismos da recepção. Com essa finalidade foi desenvolvido o *Newswire*. Um site na internet que visa à formação de receptores mais críticos do trabalho jornalístico-informativo. Analisaremos, num primeiro momento, os instrumentos oferecidos pelo site e, em seguida, em que medida ele permite o exercício de uma postura crítica.

10. A escola vem perdendo paulatinamente o monopólio tendencial de definição e redefinição do comportamento legítimo, isto é, socialmente aceito e estimulado. Tem perdido também, embora com menos contundência, a prerrogativa de definir os conteúdos de saber socialmente adequados às diferentes faixas etárias. Isso não significa que a instituição escolar, enquanto instância privilegiada de socialização, tenha deixado de participar na constituição do *habitus* de seus alunos. Sobre o *habitus*, enquanto esquemas de classificação do mundo interiorizados durante a trajetória social do aluno e enquanto matrizes geradoras de comportamento, ler BOURDIEU, P. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. (Traços de uma teoria da prática.) Genève: Droz, 1972. p. 174.

11. FOULIN, J.-N., MOUCHON, S. *Psychologie de l'éducation*. (Psicologia da educação.) Paris: Nathan, 1998. p. 24.

12. Sobre os critérios de pauta, ler JAMIESON, K. H., KAMPBELL, R. K. *The interplay of influence: news, advertising, politics and the mass media*. (A interação da influência: notícias, publicidade, política e a mídia.) Belmont: Wadsworth, 1992. HARRIS, R. J. *A cognitive psychology of mass communication*. (A psicologia cognitiva dos meios de comunicação.) New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1994.

## SITE INTERATIVO

O *Newsware* é um *site* disponível na Internet que oferece ao usuário até 300 comentários sobre cada notícia na mídia impressa e eletrônica. É alimentado diariamente com as notícias do dia, permitindo ao aluno/colaborador cadastrado fazer comentários diários.

Ao acessar o *site*, o aluno/usuário deve preencher o *login* e a senha, que pode ser criada no momento do acesso. Vencida essa formalidade, ele encontra informações sobre os veículos cadastrados em *Newsware*; alguns destaques do dia selecionados pela equipe do *site*; uma pauta comparada, que oferece um panorama informativo dos principais jornais do país; e um comentário diário das pautas analisadas. Além disso, o aluno/usuário terá à sua disposição as principais manchetes dos veículos cadastrados. Essas notícias estarão comentadas pelos alunos cadastrados. Para facilitar o comentário, todo aluno cadastrado receberá um *e-mail* com os principais destaques dos temas de sua preferência.

## PAUTA COMPARADA

Para produzir um jornal, editores e chefes de reportagem selecionam alguns fatos que serão transformados em notícias, pois nem tudo que acontece pode estar presente no jornal. Neste há uma limitação de páginas ou de segundos no telejornal que não podem ser ultrapassados. Dessa forma, dentre os temas que chegam à reunião de pauta, alguns são escolhidos e trabalhados pelos profissionais da informação. Os outros, entretanto, são esquecidos e conseqüentemente desconhecidos do grande público. Ao operar essa seleção, os jornalistas dão existência a alguns fatos mas, ao mesmo tempo, con-

denam à inexistência social os demais. Decidir pela publicação de qualquer notícia significa decidir pela não publicação de outra.

Entre o fato e a notícia há um longo percurso de decisões e escolhas num intervalo cada vez mais curto. O fato é apenas o ponto de partida possível do repórter. A partir da seleção de alguns desses fatos, o jornalista constrói um outro mundo. Assim, em relação ao produto final/notícia, o fato é tão somente uma possibilidade. O assassinato de um estudante universitário que dirigia o seu veículo nas ruas de São Paulo é um fato potencialmente transformável em notícia. Outros tantos assassinatos também podem ocorrer na mesma noite, mas só alguns poucos farão parte da agenda dos meios de comunicação.

A seleção de temas para a produção do jornal é inevitável. Os efeitos sociais dela decorrentes justificam uma postura crítica permanente por parte dos receptores. Essa postura crítica, por sua vez, pressupõe não só a certeza de que o jornal seleciona, mas também o conhecimento dos temas preteridos pelo corpo editorial.

Como discutir a noticiabilidade de temas não publicados e, portanto, ignorados pelo receptor? Através da comparação das pautas dos distintos veículos. Ela permitirá ao aluno perceber as distintas políticas editoriais, os vários recortes do mundo operados pelos veículos e valorar os critérios empregados. No caso de uma seleção coincidente de temas entre dois ou mais veículos, o contraste entre os diferentes relatos será particularmente rico e condição primeira para uma observação crítica.

Mesmo os fatos geradores de notícia, que aparentemente permitem menor pluralidade interpretativa, ensejam relatos necessariamente distintos<sup>13</sup>. É o caso de notícias de economia que têm como fato gerador um índice

13. Sobre o conceito de polifonia discursiva ler BACCEGA, M. A. *Comunicação e linguagem*. Discurso e Ciência. São Paulo: Moderna, 1998.

numérico. Os números são símbolos de exatidão. Na escola, as operações algébricas permitem apenas duas avaliações: certo ou errado. No jornalismo, entretanto, a menção de um número pode ser usada como racionalização legitimadora de uma determinada visão de mundo que preexiste ao próprio fato. Dessa forma, cada veículo usa o número de maneira social, política e editorialmente interessada.

Assim, a queda na cotação do dólar foi pautada com destaque pelos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil, O Globo e Gazeta Mercantil, na edição de 14/12/99. O percentual dessa queda em relação à cotação de 10/12/99 (sexta-feira) não coincidiu em nenhum dos veículos mencionados. Esse percentual veio em função da representação legítima que cada veículo tentou impor ao fato. Assim, entre o otimismo de O Estado de S. Paulo, que apontou 0,64% de baixa, e o pessimismo da Gazeta Mercantil, que indicou queda de 0,48%, encontramos os índices mais neutros de O Globo (0,6%), do Jornal do Brasil (0,55%) e da Folha de S. Paulo (0,5%).

Dessa forma, o aluno que se exercitar na comparação da produção jornalística sobre o mesmo fato gerador de notícia, disporá de referenciais para apontar suas discordâncias em relação às opções editoriais deste ou daquele veículo. A pauta comparada facilita a visualização, por editoria, das opções temáticas dos editores. A análise dessa pauta ensinará, por parte da equipe do *Newsware*, um comentário crítico.

O site disponibiliza também comentário sobre as políticas editoriais dos jornais e revistas. Destaca-se, com base na análise das pautas comparadas, alguns aspectos do universo das notícias que representam particular desinformação para o receptor de um dos veículos. Esse comentário permitirá ao aluno rom-



*Newsware* traz as notícias que foram o destaque do dia.

per com a identidade jornal-realidade<sup>14</sup>, que lhe foi imposta pelo senso comum, pela publicidade dos meios e, muitas vezes, pelo desconhecimento docente.

## ALIMENTAÇÃO DE DADOS

O *Newsware* é alimentado diariamente com notícias de jornais e às 12 horas o material está disponível para comentário do aluno. O caráter vespertino se deve a uma dupla exigência: de um lado, a dependência do *Newsware* em relação ao momento de distribuição dos jornais, sobretudo os de outras praças. De outro, o necessário intervalo de reflexão entre a recepção da informação e a elaboração de um comentário.

Além dos jornais diários, o *Newsware* tem como fonte periódicos semanais, quinzenais e mensais. O material de revista é disponibilizado em função da sua periodicidade. A forma de apresentação das manchetes coincide com a dos veículos. O material selecionado é cortado e inserido no computador via *scanner*. Procura-se, assim, preservar para o usuário os critérios de hierarquização da notí-

14. Sobre a origem do paradigma da objetividade e as condições sociais que garantiram sua permanência como representação legítima da produção jornalística, ler BARROS FILHO, C. *Ética na Comunicação*. São Paulo: Moderna, 1995.

cia inerentes a todo trabalho de diagramação.

O *Newsware* não se serve das informações *on-line* fornecidas pelos veículos ou por agências de notícias. Isto porque elas não coincidem com o produto que o leitor do jornal ou revista recebe em casa ou adquire em banca. É esse produto o objeto da nossa reflexão.

Nem todas as notícias veiculadas pelos periódicos cadastrados são disponibilizadas em *Newsware* para comentário. A seleção do material obedece a um duplo critério: de um lado, o *Newsware* respeita a hierarquia informativa do jornal, dando preferência às notícias mais destacadas pelos próprios veículos. De outro, prioriza as notícias que permitem, de forma mais evidente, múltiplas interpretações.

Com o objetivo de facilitar o trabalho do aluno e de incentivá-lo à prática do comentário diário, o *Newsware* envia diariamente *e-mail* com destaques das editorias escolhidas para comentário. Assim, os interesses temáticos manifestos pelo aluno no preenchimento do cadastro inicial determinam a agenda informativa dos destaques que receberá no seu *e-mail*.

Esse menu informativo oferecido aos professores e alunos não define a natureza do *Newsware* como *site* pedagógico, destinado à formação de receptores mais críticos. São as atividades que o *site* faculta, em função do trabalho pedagógico com a notícia, que asseguram a sua pertinência para o objetivo a que se propõe.

## DESPERTAR DA CRÍTICA

O que diferencia o *Newsware* dos demais *sites* de informação e constitui, assim, sua principal especificidade é a participação ativa dos alunos/receptores. Diante do menu informativo oferecido, fica facultado ao aluno comentar as notícias exibidas, bem como agre-

gar informação proveniente da sua experiência pessoal ou de outros relatos usando um recurso que chamamos *tecla mais*.

O comentário do aluno poderá vislumbrar vários objetos possíveis: o fato/objeto da notícia (por exemplo, a pertinência de uma decisão política), a escolha do fato para integrar a pauta (concordância ou não com a seleção temática), as fontes consultadas, o enfoque da notícia, a interpretação dos fatos elencados na notícia entre outros.

---

### A prerrogativa de comentar as notícias oferecidas em *Newsware* permite uma redefinição permanente do sentido das informações jornalísticas.

---

Um dos efeitos da informação jornalística é o seu agendamento temático, isto é, o fato de os temas da agenda dos meios se imporem como temário de discussão social<sup>15</sup>. Assim, os objetos de informação jornalística são discutidos pela sociedade em suas diversas instâncias de socialização, inclusive na escola.

Esse agendamento dos temas jornalísticos pela sociedade é visível nas relações interpessoais. É no diálogo entre as pessoas que os comentários sobre as notícias se materializam e se esgotam (primeira geração da agenda pública). Os efeitos produzidos pela conversa, enquanto interação de discursos, só se farão sentir em uma nova manifestação, num novo diálogo. Assim, uma conversa de um casal de namorados sobre uma notícia do *Jornal Nacional* torna visível o agendamento temático, mas limita a incidência direta daquele comentário à permanência do diálogo. Isso porque esses discursos sobre a notícia,

15. Sobre o conceito de agenda *setting*, ler McCOMBS, M., SHAW, D. *The agenda setting function of mass media*. (A função da agenda *setting* na mídia.). *Public Opinion Quarterly*, n. 36, 1972. p. 176-187.

constitutivos da opinião pública e por ela condicionados, exercem uma influência real, mas dispersa na definição das representações de mundo mais ou menos legítimas<sup>16</sup>.

A manifestação dos alunos através de comentários na rede, viabilizada pelo *Newswire*, confere às múltiplas reconstruções da mensagem jornalística manifestas pelos receptores a mesma superfície de visibilidade da própria notícia, restabelecendo um equilíbrio entre emissão e recepção rompido pelos processos de mediação (segunda geração da agenda pública). A manifestação do receptor amplia o limite do seu circuito de relações interpessoais. Não só no que tange aos efeitos do comentário, como também no que diz respeito aos referenciais que permitem a elaboração do mesmo.

Partindo do princípio de que todo aquele que elabora uma mensagem o faz segundo as condicionantes do meio social onde está, o comentário feito no cotidiano de discussão terá como parâmetro imediato apenas o parecer dos circunstancialmente presentes. Em *Newswire*, o repertório opinativo se alarga. Os comentários já manifestos por alunos produzirão efeitos sobre os supervenientes. A reflexividade discursiva/opinativa, isto é, a elaboração de um comentário em função da existência de um espaço social de comentaristas, permitirá ao aluno uma percepção mais aguda do quanto a originalidade opinativa é uma ilusão. A materialização de qualquer enunciado pelo sujeito que se manifesta faz esquecer a origem social de qualquer formação discursiva. “Enquanto ponto de partida social do pensamento individual, a linguagem é a mediadora entre o que é social, dado, e o que é individual, criador, no pensamento individual. Na realidade, a sua

mediação exerce-se nos dois sentidos: não só transmite aos indivíduos a experiência e o saber das gerações passadas, mas também se apropria dos novos resultados do pensamento individual, a fim de os transmitir – sob a forma de um produto social – às gerações futuras”<sup>17</sup>.

Neste espaço discursivo, a influência de cada comentário dependerá, como nas relações interpessoais do cotidiano, da legitimidade social e da competência específica do aluno para manifestar-se sobre esse ou aquele tema da notícia. Entenda-se por legitimidade social o reconhecimento, sempre tendencial do grupo, de que um determinado aluno está apto a ocupar a posição de porta-voz sobre aquele tema e, portanto, está socialmente autorizado a comentar e ser lido<sup>18</sup>.

---

**Os comentários, em *Newswire*, produzirão, assim, efeitos múltiplos no universo em que o *site* for aplicado e fora dele. Isto porque o próprio corpo de profissionais, produtores da informação jornalística, será informado dos comentários sobre seu trabalho diário.**

---

Afinal, quanto mais se acirra a competição no mercado informativo, tanto maior o interesse em conhecer a opinião dos receptores, consumidores da informação. Na mídia televisiva de entretenimento, o *feedback* dos ouvintes, aferido pelo controle minuto a minuto, age sobre toda a produção. Essa aferição limita-se à constatação de audiência, isto é, ao simples consumo.

Na informação jornalística, a quantificação dos leitores, pelos índices de tiragem do jornal,

16. Sobre a influência da notícia na opinião pública ler PRICE, V. **La opinión pública.** (A opinião pública.) Barcelona: Paidós, 1994.

17. SCHAFF, A. **Linguagem e conhecimento.** Coimbra: Almedina, 1974. p. 250.

18. BOURDIEU, P. **Ce que parler veut dire.** (O que falar quer dizer.) Paris: Fayard, 1982.

pelo índice manifesto de leitura dos distintos cadernos e colunas é um procedimento claramente insuficiente. A simples quantificação numérica do receptor pressupõe que está ao alcance de todos ter uma opinião sobre qualquer tema e externá-la. Pressupõe também que as opiniões se equivalem socialmente e que existe um relativo consenso social sobre os temas que são objeto de opinião. Nenhum desses postulados se sustenta<sup>19</sup>.

Afinal, cada receptor reelabora a mensagem noticiosa em função de interesses, referenciais cognitivos, avaliativos e até afetivos que lhe são próprios. Para a análise quantitativa, eles constituem apenas um número de audiência homogeneizada, cujo único ponto de tangência seguro é o contato sensorial com a mesma mensagem. Reconstrução individual e subjetiva, o comentário se objetiva em um discurso, que se origina a partir de muitos outros discursos em circulação no universo social de veiculação da notícia<sup>20</sup>.

Em função das possibilidades ilimitadas de associação de referenciais, suscitada pela notícia, o *Newsware* faculta ao aluno a *tecla mais*. Nesse espaço de produção informativa, o aluno informará a sua experiência elucidando os eventuais vínculos da sua agenda pessoal com a agenda dos meios, bem como destas duas com os objetos de reflexão constitutivos de sua grade curricular<sup>21</sup>.

O espaço do comentário, limitado a 320 caracteres, e vinculado à interpretação da notícia, se mostrou restritivo ao escopo pedagógico a que se propõe o *Newsware*. Por isso criamos a *tecla mais*. Ela garante ao aluno a prerrogativa de informar, isto é, de selecionar o conteúdo que dará a conhecer ao grupo e de

formalizar a mensagem da forma que julgar mais conveniente. Essa possibilidade, complementar ao comentário, está no cerne das discussões contemporâneas sobre a interface entre comunicação e educação.

Propomos aqui o uso da epistemologia jornalística como forma de método de produção do real e de construção do conhecimento. O conteúdo programático é uma espécie de pauta que o *professor-editor* fornece aos *alunos-repórteres* para que estes busquem a informação e encontrem a melhor forma de apresentá-la.

---

**O aluno é convidado a experimentar a realidade e a codificá-la; buscar os aspectos do fenômeno observado que lhe pareçam mais relevantes e interessantes para o grupo de alunos/leitores. Graças a essa atividade pedagógica transformada em reportagem, os demais alunos poderão inteirar-se do fato e questionar.**

---

A observação do real para posterior codificação exigirá, por parte do *aluno-repórter*, um confronto entre os elementos percebidos sensorialmente e os referenciais cognitivos, avaliativos e afetivos já interiorizados<sup>22</sup>. Assim, o resultado da reportagem apresentada pelo aluno não será simplesmente consequência de uma experiência sensorial e seletiva, mas da reconstrução dessa experiência.

Três aspectos discriminam o novo método:

1 - Enquanto numa aula tradicional o aluno recebe as informações sem ser forçado

19. BOURDIEU, P. *Questions de Sociologie*. (Questões de sociologia.) Paris: Minuit, 1984.

20. Sobre a origem social do discurso, ler BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

21. Sobre as agendas temáticas presentes na escola e suas relações, ler BARROS FILHO, C. *Agenda setting na educação*. In: *Comunicação & educação*. São Paulo: ECA-USP. Moderna, n. 5, jan./abr., 1996. p. 27-33.

22. Essa interiorização se traduz pela produção de um conjunto de elementos culturais, que se faz sentir nos esquemas de pensamento, de sentimento e de ação, característicos de cada comunidade, classe social ou sociedade (o *ethos* em Max Weber, o *habitus* em Pierre Bourdieu, a personalidade de base em Kardiner e Linton).



a uma reconstrução, a elaboração da reportagem exige dele o uso permanente de seu repertório. A codificação do real estudado exige exposição a um maior número de elementos do fenômeno observado, altos índices de atenção e uma percepção que permita a produção de uma informação.

O aluno, desobrigado de uma reelaboração de conteúdo, sente-se protegido pela possibilidade do estudo decorativo anterior à prova. Assim, a passividade do jovem diante, por exemplo, da programação oferecida pelas emissoras de televisão, é reforçada pela prática de transmissão e memorização de conteúdo.

Entre as distintas aulas tradicionais que um aluno tem de freqüentar e os programas televisivos aos quais ele assiste todas as tardes existem muitas diferenças. As mensagens da telinha e as da escola exigem veículos, expectativas e contextos distintos.

Qualquer processo de recepção começa com o contato entre a mensagem emitida e os receptores sensoriais disponibilizados. Tanto a aula quanto a TV privilegiam a visão e a audição. Denomina-se esta etapa inicial de *exposição seletiva*<sup>23</sup>. Diante da infinidade de informações emitidas e dos limites físicos dos canais sensoriais, a exposição é um exercício permanente de escolha, de seleção de algumas mensagens em detrimento de outras. Assim, tanto a aula quanto os programas de TV são mensagens circunstancialmente selecionadas e que podem sofrer a concorrência de outras mensagens.

Tanto no caso da TV quanto na sala de aula, o processo de seleção na exposição começa antes do contato com a mensagem<sup>24</sup>.



A *tecla mais* é um recurso que possibilita a interatividade com o leitor.

Para que a exposição se inicie é necessária uma motivação<sup>25</sup>, condicionada por uma expectativa construída em função de exposições anteriores, de comunicações interpessoais ou qualquer outro referencial. Assim, quando um aluno vai a uma aula, ele tem expectativa determinada pelas aulas anteriores do mesmo professor.

No caso da TV, a agilidade da seleção da mensagem é muito maior do que na sala de aula. O controle remoto permite uma ação quase que ininterrupta sobre a mensagem - mais do que simplesmente selecionar, permite a construção de uma mensagem única, um magma de sons e imagens mesclados pelo impulso da seleção expositiva, buscando a mudança permanente, o movimento. Já a exposição à aula é mais ou menos compulsória dependendo da filosofia da instituição escolar.

2 - Independentemente da exposição mais ou menos engajada, o aluno numa aula tradicional, como o telespectador, não é parte integrante de um sistema de produção de sentido. Cada aluno, de forma isolada, expõe-se e percebe a mensagem

23. A exposição seletiva é a tendência que tem o receptor de se expor a produtos da mídia que estejam de acordo com as estruturas de classificação do mundo social (geradoras de convicções e comportamentos), interiorizadas durante sua trajetória social.

24. Dentro desta perspectiva construtivista, rompe-se com as representações tradicionais do mundo. O conhecimento se torna algo que o organismo constrói com o objetivo de criar uma ordem no fluxo da experiência estabelecendo relações relativamente confiáveis entre elas. Não se trata mais do simples registro da realidade no sentido científico do termo.

25. Sobre o conceito de motivação na atividade do aluno, ler DELANNOY, C. **A motivação** (A motivação). Paris: Hachette, 1997; ALONSO TAPIA, J., CATURLA FITA, E. **A motivação em sala de aula**. São Paulo: Loyola, 1999.

do mestre sem que a sua atividade intelectual interfira numa produção coletiva<sup>26</sup>. Como observa Colette Crémieux, na escola o aluno é “considerado responsável pelos seus resultados ainda que não tenha nenhuma possibilidade de participar na construção de um saber novo, a não ser através da escuta e das anotações”<sup>27</sup>.

No caso do *aluno-repórter*, da sua atividade depende todo o desenvolvimento do processo pedagógico do grupo relacionado com o fato ou objeto observado<sup>28</sup>. A construção do aluno, assim como o fato analisado, constitui material pedagógico do grupo. Assim, o produto da atividade do *aluno-repórter*, por ser indispensável para o grupo, é valorizado, gerando auto-estima e motivação.

### 3- A viabilidade do uso pedagógico do

**Resumo:** O autor apresenta o *site Newsware* como proposta pedagógica de apoio aos professores no trabalho com os meios de comunicação. O *site* na Internet hospeda as principais notícias dos grandes jornais diários e de revistas e outras publicações semanais e mensais com comentários e análises de sua equipe responsável. *Newsware* permite, além do acesso, a interatividade de seus internautas que podem produzir comentários e críticas sobre tais notícias. A preocupação da aula é possibilitar ao aluno e ao professor um processo crítico de conhecimento da construção dos discursos dos meios de comunicação, principalmente das notícias. O *Newsware*, através dos *links tecla mais e comentário*, permite participar da consecução desse objetivo, dando contribuição sobre as notícias veiculadas, construindo pontos de vista diferenciados.

**Palavras-chave:** *Newsware*, site educativo, jornalismo, escola, pedagogia

*Newsware*, de suas ferramentas *comentário e tecla mais* ensejando o *aluno-repórter* depende das condições materiais de sua aplicação. Um número reduzido de alunos em sala de aula é recomendável. Também é necessária a capacitação de docentes, preparados para desenvolver um programa pedagógico menos em função de conteúdos preestabelecidos e mais determinado por reações e manifestações pouco previsíveis.

Só um planejamento pedagógico suficientemente flexível permitiria a reorientação permanente de objetivos e métodos<sup>29</sup>. Essa correção ininterrupta, espécie de cibernética pedagógica, só será eficaz se os mecanismos de consulta e de avaliação das manifestações dos alunos se afastarem dos pré-históricos exames e provas ainda utilizados.

**Abstract:** The author presents the *Newsware* site as a teaching proposal to support teachers to work with the means of mass communication. The Internet site hosts the main news pieces presented by the major daily newspapers and by the main magazines and other weekly and monthly publications. The site's team makes comments and analyses. *Newsware* allows, over and beyond Internet access, for the users to produce comments and criticism on such news pieces. The concern is to allow the teacher and the student to have a critical process to get to know the construction of means of communication discourses, especially in the news. *Newsware*, through the *tecla mais* (plus key) and *comentário* (comment) links, allows one to participate in reaching this objective, contributing on published news, building differentiated points of view.

**Key words:** *Newsware*, educational site, journalism, school, teaching

26. Sobre as diferenças dos métodos ditos tradicionais em relação aos demais ler DEVELAY, M. **De l'apprentissage à l'enseignement: pour une épistémologie scolaire.** (Da aprendizagem ao ensino: por uma epistemologia escolar) ESF, 1993. Sobre o vínculo entre a motivação do aluno no aprendizado e a confiança que nele é depositada (objetivada na responsabilidade que tem no processo pedagógico) ler DOLTO, F. **Le cas Dominique.** (O caso Dominique.) Paris: Seuil, 1971; LEDOUX, M - H. **Introduction à l'oeuvre de F. Douto.** (Introdução à obra de F. Douto) Paris: PAYOT, 1995.

27. CRÉMIEUX C. **La citoyenneté à l'école.** (A cidadania na escola.) Paris: Syros, 1998. p. 185.

28. Sobre uma proposta de ensino mais comunitário em sala de aula, ler BRUNER, J. S. **Le développement de l'enfant, savoir faire, savoir dire.** (O desenvolvimento da criança, saber fazer, saber dizer.) Paris: PUF, 1983.

29. Sobre a definição de objetivos pedagógicos e sua relação com os métodos empregados ler BLOOM, B. S. **Taxonomie des objectifs pédagogiques.** (Taxonomia dos objetivos pedagógicos.) Les Presses de l'Université du Québec, 1975; MAGER R. F. **Comment définir les objectifs pédagogiques.** (Como definir os objetivos pedagógicos.) Paris: Bordas, 1977. DE LANDSHEERE G. E. V. **Définir les objectifs de l'éducation.** (Definir os objetivos da educação.) Paris: PUF, 1980.